

**EDUCAÇÃO FÍSICA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM:
CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA INCLUSIVA NO ENSINO MÉDIO
PHYSICAL EDUCATION AND LEARNING DIFFICULTIES:
PATHWAYS TO AN INCLUSIVE PRACTICE IN HIGH SCHOOL**

ISSN: 2674-662X. DOI: 10.29327/2334916.19.2-86

Maria Geilza dos Santos ¹

RESUMO

A Educação Física desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes, especialmente no que diz respeito à inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem. Este estudo tem como objetivo investigar e propor caminhos para a construção de práticas pedagógicas inclusivas nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, em uma escola estadual do interior de Alagoas. A pesquisa parte do seguinte questionamento: de que maneira as práticas pedagógicas em Educação Física podem promover a inclusão e o desenvolvimento de estudantes com dificuldades de aprendizagem? Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa-ação como método, conforme orientações de Sampieri, Collado e Lucio (2013). Os dados obtidos revelaram que as dificuldades enfrentadas por esses alunos estão ligadas a múltiplos fatores – pedagógicos, sociais e emocionais –, que se entrelaçam e impactam diretamente o processo de aprendizagem. Nesse contexto, constatou-se que práticas pedagógicas inclusivas, planejadas com intencionalidade e sensibilidade, podem minimizar barreiras, fortalecer vínculos e potencializar o desenvolvimento global desses estudantes, reafirmando o papel da Educação Física como ferramenta potente para a inclusão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão Escolar. Dificuldades de Aprendizagem. Práticas Pedagógicas. Educação Física no Ensino Médio.

ABSTRACT

Physical Education plays a key role in the holistic development of students, particularly when it comes to the inclusion of students with learning difficulties. This study aims to investigate and propose pathways for constructing inclusive pedagogical practices in Physical Education classes at the High School level, in a state school in the interior of Alagoas. The research is based on the following question: How can pedagogical practices in Physical Education promote inclusion and the development of students with learning difficulties? To achieve this, a qualitative approach was adopted, using action research as the method, according to the guidelines of Sampieri, Collado, and Lucio (2013). The data revealed that the difficulties faced by these students are linked to multiple factors – pedagogical, social, and emotional – that intertwine and directly impact the learning process. In this context, it was found that inclusive pedagogical practices, planned with intentionality and sensitivity, can minimize barriers, strengthen bonds, and enhance the overall development of these students, reaffirming the role of Physical Education as a powerful tool for school inclusion.

KEYWORDS: School Inclusion. Learning Difficulties. Pedagogical Practices. Physical Education in High School.

¹ Mestra em em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana.

INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda a complexidade das dificuldades de aprendizagem, entendidas como um fenômeno multifacetado que envolve uma combinação de fatores neurológicos, emocionais, pedagógicos e sociais. De acordo com Dell'Agli (2008), o termo "dificuldade de aprendizagem" não possui uma definição única, sendo influenciado por diversas causas, como o método de ensino, a dinâmica escolar e as condições socioeconômicas. Essas dificuldades, frequentemente associadas ao fracasso escolar, requerem uma análise cuidadosa e contextualizada, que considere o ambiente educacional como um todo.

A distinção entre dificuldades de aprendizagem e distúrbios de aprendizagem, conforme abordado por Osti (2012), é fundamental para entender as nuances desse fenômeno. Enquanto as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a fatores externos, como a adaptação ao ambiente escolar e a falta de estímulos adequados, os distúrbios de aprendizagem, como a dislexia, envolvem questões neurológicas e exigem intervenções especializadas. A compreensão desses aspectos teóricos é essencial para a formulação de estratégias pedagógicas eficazes.

A pesquisa também enfatiza a importância da identificação precoce das dificuldades, conforme aponta Lima (2014), já que a intervenção tempestiva pode prevenir o agravamento desses problemas ao longo do desenvolvimento educacional. Nesse sentido, a colaboração entre escola, família e sociedade se apresenta como uma abordagem fundamental para minimizar os impactos das dificuldades de aprendizagem e garantir a inclusão efetiva dos estudantes.

A Educação Física, como componente curricular do Ensino Médio, desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos estudantes. O marco teórico explora a relação entre as dificuldades de aprendizagem e as metodologias de ensino adotadas na Educação Física, destacando a necessidade de práticas

pedagógicas inclusivas e adaptativas, que considerem as especificidades de cada aluno e promovam um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e acessível. Assim, o objetivo é contribuir para a qualificação do ensino, proporcionando soluções para um ensino mais eficaz e inclusivo, especialmente para alunos com dificuldades de aprendizagem.

EXPOSIÇÃO DO PROBLEMA

A abordagem sobre as dificuldades de aprendizagem consiste em um grande desafio, especialmente porque, embora tenham se tornado o foco de pesquisas mais intensas nos últimos anos, elas ainda são pouco compreendidas pelo público em geral e muitas vezes carregam estigmas. Segundo Smith e Strick (2012, p. 15), apesar do avanço das investigações científicas que buscam compreender as causas e características dessas dificuldades, a compreensão sobre o tema ainda é limitada fora dos círculos acadêmicos e especializados.

Essa lacuna no conhecimento público pode resultar em preconceitos e abordagens inadequadas que dificultam a inclusão e o desenvolvimento dos estudantes que apresentam essas dificuldades. Além disso, essa falta de entendimento impacta a formação de professores e o desenvolvimento de práticas pedagógicas realmente inclusivas, tornando ainda mais urgente a necessidade de discutir e divulgar informações precisas sobre o tema, para que todos os envolvidos na educação compreendam e valorizem as necessidades específicas desses estudantes.

Smith e Strick (2012) definem as Dificuldades de Aprendizagem como uma gama ampla e diversa de problemas que podem impactar várias áreas do conhecimento e habilidades de um indivíduo, tais como: leitura, escrita, raciocínio lógico, compreensão, entre outras. Elas destacam que essas dificuldades são multifacetadas, ou seja, não resultam de uma única causa isolada, geralmente decorrem de uma

combinação complexa de fatores, incluindo aspectos neurológicos, ambientais e emocionais.

Em muitos casos, esses desafios podem se manifestar de maneiras diferentes em cada indivíduo, tornando o diagnóstico e a intervenção processos complexos e personalizados. Assim, ao invés de serem interpretadas como uma única condição com sintomas padronizados, as Dificuldades de Aprendizagem devem ser compreendidas como um espectro de problemas que exigem abordagens pedagógicas adaptativas e estratégias diferenciadas para atender às necessidades específicas de cada estudante.

Ora, é essencial reconhecer que as dificuldades de aprendizagem estão frequentemente relacionadas a fatores múltiplos e interconectados, como aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais, que influenciam o desempenho escolar de forma distinta em cada indivíduo. Essa perspectiva exige que professores e educadores adotem uma postura reflexiva e investigativa, utilizando práticas pedagógicas baseadas em observação contínua, diálogo com os estudantes e articulação entre diferentes áreas do conhecimento.

Ao integrar as diferentes dimensões, as intervenções auxiliam na superação das barreiras no aprendizado, promovendo o desenvolvimento integral do estudante, fortalecendo a autoconfiança e a motivação para aprender. Assim, a compreensão das dificuldades de aprendizagem como fenômenos multifacetados reafirma a importância de um ensino inclusivo e humanizado, que valorize a singularidade de cada estudante no ambiente escolar.

Smith e Strick (2012, p.17) afirmam ainda que:

Embora muitas crianças com dificuldades de aprendizagem sentem-se felizes e bem ajustadas, algumas (até metade delas, de acordo com estudos atuais) desenvolvem problemas emocionais relacionados. Estes estudantes ficam tão frustrados tentando fazer coisas que não conseguem que desistem de aprender e começam a desenvolver estratégias para

evitar isso. Eles questionam sua própria inteligência e começam a achar que não podem ser ajudados. Muitos se sentem furiosos e põem pra fora, fisicamente, tal sensação; outros se sentem ansiosos e deprimidos (Smith; Strick, 2012, p. 17).

Essas dificuldades de aprendizagem representam uma barreira significativa ao desenvolvimento educacional dos estudantes, afetando diretamente seu desempenho, autoconfiança e relação com o ambiente escolar. Rebelo (1993) descreve essas dificuldades como obstáculos que podem se manifestar em diferentes intensidades e durações, variando conforme as características individuais e as condições contextuais de cada estudante.

As dificuldades podem ter consequências diversas, como baixo rendimento escolar, aumento da probabilidade de abandono escolar, o que evidencia o impacto profundo que elas podem exercer na trajetória educacional e na vida futura dos estudantes. Como afirmam Dias, Montiel e Seabra (2015), em alguns casos, essas dificuldades exigem intervenções especializadas, ressaltando a importância de um sistema de apoio educacional adequado e de estratégias pedagógicas inclusivas. As estratégias visam reduzir as barreiras que impedem o desenvolvimento pleno desses estudantes, criando um ambiente de aprendizagem que respeite suas necessidades e promova seu potencial.

Complementando essa discussão, é fundamental compreender que as dificuldades de aprendizagem não afetam apenas o desempenho acadêmico, mas a autoestima, a motivação e a relação do estudante com o ambiente escolar. Essas questões, se não forem tratadas de forma adequada, podem fomentar a desmotivação e exclusão que compromete o potencial do sujeito em diversas esferas de sua vida. Por isso, além de intervenções especializadas, é imprescindível que a escola desenvolva práticas que promovam a inclusão, o acolhimento e o fortalecimento das habilidades socioemocionais dos estudantes.

Segundo Freire (2019), a educação deve ser um processo humanizador, que valorize a singularidade de cada indivíduo e crie condições para que todos possam aprender e se desenvolver. Dessa forma, a articulação entre professores, famílias e profissionais especializados torna-se indispensável para construir um ambiente de aprendizagem que favoreça o sucesso escolar e contribua para a formação integral dos estudantes.

Diante disso, a presente pesquisa busca investigar o desenvolvimento de habilidades de estudantes do ensino médio com dificuldades de aprendizagem, a partir de intervenções pedagógicas nas aulas de Educação Física. Na próxima subseção discorreremos sobre a justificativa para esta pesquisa.

JUSTIFICATIVA

A Educação Física, ao proporcionar práticas corporais, considera-se como essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente para aqueles que enfrentam dificuldades de aprendizagem. Por meio da exploração de estratégias pedagógicas inclusivas, a Educação Física oferece uma oportunidade única de auxiliar esses estudantes a desenvolver habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais.

Dificuldades de aprendizagem, como dislexia, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e disfunções motoras, podem interferir no desempenho acadêmico global e no bem-estar dos estudantes. Diante disso, torna-se relevante explorar o desenvolvimento de habilidades em estudantes do ensino médio com dificuldades de aprendizagem, por meio de intervenções pedagógicas nas aulas de Educação Física.

Este estudo busca contribuir para a área de Educação Física escolar, promovendo a inclusão e o desenvolvimento de práticas pedagógicas adaptativas que possam auxiliar no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem. A pesquisa destaca a importância de estratégias que considerem a complexidade dessas

dificuldades e que promovam um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo.

Para isso, é essencial que o ensino de Educação Física esteja além da reprodução de práticas tradicionais, incorporando abordagens que valorizem as singularidades dos estudantes, respeitem seus ritmos de aprendizagem e fomentem o engajamento por meio de atividades diversificadas e contextualizadas. De todo modo, a pesquisa enfatiza a necessidade de integrar aspectos cognitivos, motores e socioemocionais, reconhecendo o potencial desse componente curricular para o desenvolvimento integral dos sujeitos. Assim, o estudo também aponta para a importância da formação continuada de professores, possibilitando que eles desenvolvam competências para lidar com as demandas específicas das dificuldades de aprendizagem e para construir espaços de ensino verdadeiramente inclusivos e transformadores.

As dificuldades de aprendizagem segundo Chiarello (2019),

Precisam ser compreendidas, possibilitando buscar as intervenções necessárias, trabalhar as lacunas existentes e assim permitir que todos consigam aprender efetivamente, pois, apesar de cada indivíduo ter a sua maneira particular de adquirir conhecimento, alguns parâmetros, dentre eles a idade cronológica, precisam ser seguidos dentro do contexto educacional, propiciando o reconhecimento do atraso escolar e quais as suas principais causas (Chiarello, 2019, p. 103).

A identificação das causas relacionadas as dificuldades de aprendizagem são fundamentais para minimizar esses obstáculos e promover um processo educacional de qualidade. Como apontado por Almeida *et al.* (2016), compreender as origens das dificuldades permite que intervenções adequadas sejam implementadas, facilitando a aprendizagem dos estudantes e assegurando que o ensino aconteça de forma eficaz e inclusiva. Uma vez que, o processo de

ensino e aprendizagem só poderá ser otimizado quando as causas das dificuldades forem identificadas corretamente, permitindo a personalização da abordagem pedagógica e o uso de estratégias adequadas ao perfil de cada estudante.

Gonçalves e Crenitte (2014) ressaltam a necessidade de ampliar o debate e a reflexão sobre as definições e manifestações das dificuldades e transtornos de aprendizagem, visto que muitos professores carecem de um repertório conceitual sobre esses temas. A falta de conhecimento especializado pode prejudicar a compreensão das diferentes formas de dificuldade de aprendizagem que os estudantes apresentam e, conseqüentemente, dificultar a implementação de práticas pedagógicas adequadas. Portanto, a formação contínua dos educadores, com foco nessas questões, é uma necessidade urgente para garantir que as práticas pedagógicas contemplem as necessidades dos estudantes.

A temática desta dissertação, que foca nas dificuldades de aprendizagem de estudantes do ensino médio, surgiu da observação e das evidências percebidas pela pesquisadora ao longo de sua prática didática e pedagógica. Durante os anos de atuação em sala de aula, foi possível perceber que muitos estudantes enfrentam desafios significativos no processo de aprendizagem, mas, geralmente, não são adequadamente reconhecidos ou tratados. A pesquisadora, portanto, tomou como ponto de partida suas observações empíricas, que revelaram a complexidade e a diversidade das dificuldades que os estudantes enfrentam, principalmente no contexto do ensino médio, no qual as exigências acadêmicas se intensificam.

Essa constatação prática motivou a realização deste estudo, com o intuito de contribuir para o avanço do conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem no ensino médio e para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficazes e inclusivas nas aulas de Educação Física. Ao investigar essas questões, espera-se que a pesquisa ofereça subsídios para que os educadores

possam compreender as especificidades de seus estudantes, promover práticas pedagógicas inclusivas e proporcionar um ambiente acolhedor e eficaz, favorecendo o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes. A relevância deste estudo está em sua capacidade de unir teoria e prática, respondendo a uma demanda real observada no cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, proporcionando uma contribuição significativa para a literatura sobre o tema. A seguir, apresentaremos os objetivos desta pesquisa.

OBJETIVO GERAL

Propor a implementação de práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física que atendam às necessidades de discentes com dificuldades de aprendizagem em uma escola estadual do interior de Alagoas, contribuindo para a inclusão e o desenvolvimento integral desses estudantes.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as principais dificuldades de aprendizagem dos estudantes do ensino médio nas aulas de Educação Física;
- Compreender as principais dificuldades de aprendizagem relatadas pelos estudantes durante as reuniões de pré-conselho, destacando os fatores pedagógicos, sociais e emocionais que influenciam no desempenho dos estudantes;
- Desenvolver uma proposta de intervenção baseada em atividades físicas adaptadas que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes;
- Refletir sobre as estratégias de intervenção para as aulas de Educação Física, considerando os estudantes com dificuldades de aprendizagem.

PROBLEMA DE PESQUISA

A presente pesquisa busca responder a seguinte questão: **Como as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física podem contribuir para a inclusão e desenvolvimento de estudantes de Ensino Médio com dificuldades de aprendizagem?** Com base no pressuposto de que práticas pedagógicas planejadas de forma inclusiva e adaptadas às necessidades específicas dos estudantes têm o potencial de reduzir barreiras de aprendizagem, este estudo propõe a implementação de práticas pedagógicas no ensino de Educação Física que atendam às necessidades de discentes com dificuldades de aprendizagem em uma escola estadual do interior de Alagoas, contribuindo para a inclusão e o desenvolvimento integral desses estudantes.

A inclusão escolar é um dos principais desafios enfrentados pela Educação Física, pois envolve a adaptação de atividades motoras e a promoção de uma experiência educativa em que todos os estudantes se sintam valorizados e capazes de desenvolver suas habilidades, independentemente de suas limitações. Nesse sentido, a Educação Física tem o potencial de ser um espaço privilegiado para o desenvolvimento de habilidades sociais, motoras e emocionais, especialmente para estudantes com dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes enfrentam obstáculos adicionais para se integrar ao grupo e participar ativamente.

A Educação Física desempenha um papel crucial no processo formativo dos estudantes, promovendo o desenvolvimento físico e contribuindo para aspectos sociais, emocionais e cognitivos. Entretanto, as dificuldades de aprendizagem enfrentadas por estudantes do ensino médio têm apresentado desafios significativos para o planejamento e a condução das aulas dessa disciplina. Este estudo tem como objetivo central investigar essas dificuldades e propor estratégias pedagógicas que possam atender as necessidades específicas desse público.

O primeiro passo para alcançar esse propósito é identificar as principais dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes do ensino médio nas aulas

de Educação Física, compreendendo como essas barreiras impactam seu desempenho e engajamento. Em complemento, é essencial entender as dificuldades relatadas pelos estudantes durante as reuniões de pré-conselho, considerando os fatores pedagógicos, sociais e emocionais que influenciam suas trajetórias escolares. Essa análise permitirá uma visão ampla e contextualizada das realidades enfrentadas tanto pelos estudantes quanto pelos educadores.

Com base nesses levantamentos, o estudo busca desenvolver uma proposta de intervenção fundamentada em atividades físicas adaptadas, que sejam capazes de atender às necessidades específicas dos estudantes e, ao mesmo tempo, promover seu desenvolvimento integral. Essa proposta considerará aspectos de inclusão, acessibilidade e estímulo ao aprendizado, favorecendo o bem-estar e a autonomia dos estudantes.

Por fim, este trabalho pretende refletir sobre as estratégias de intervenção nas aulas de Educação Física, avaliando sua eficácia e adequação ao contexto educacional e as particularidades dos estudantes com dificuldades de aprendizagem. A partir dessa reflexão, espera-se contribuir para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras, capazes de transformar as aulas de Educação Física em espaços de aprendizado significativo e transformação social. Na próxima seção, apresentamos o marco teórico que fundamenta esta pesquisa.

DESEMPENHO ESCOLAR

As dificuldades de aprendizagem no contexto escolar representam um desafio significativo para educadores e estudantes, impactando o desenvolvimento integral e o desempenho acadêmico em diferentes áreas do conhecimento. No componente curricular de Educação Física, essas dificuldades ganham uma dimensão específica, considerando que esse componente curricular está diretamente associado ao desenvolvimento motor,

social, emocional e cognitivo dos estudantes. Ao promover práticas pedagógicas que integram o movimento e o aprendizado, a Educação Física destaca-se como um campo essencial para o estímulo a autoconfiança, a interação social e a superação de barreiras individuais. Nesta seção, destacaremos as principais dificuldades de aprendizagem dos estudantes, a fim de compreender os aspectos determinantes do desempenho escolar na Educação Física.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

A aprendizagem é um processo complexo e contínuo pelo qual os indivíduos adquirem e desenvolvem conhecimentos, habilidades e atitudes ao interagirem com o ambiente e resolverem problemas. Esse processo envolve a construção ativa do conhecimento, onde o estudante relaciona novas informações com experiências e conceitos já assimilados, transformando e ampliando seu entendimento. A aprendizagem não é apenas a retenção de conteúdos, mas a capacidade de aplicar conhecimentos em diferentes contextos, modificando comportamentos e ampliando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Nessa perspectiva a teoria de Vygotsky (1991), um dos mais influentes teóricos da psicologia do desenvolvimento, propõe uma abordagem sociocultural da aprendizagem, destacando a interdependência entre o desenvolvimento individual e o contexto social. Assim, enfatiza-se que a aprendizagem não é um processo isolado, ela acontece através da mediação entre as interações sociais e culturais, com destaque para a linguagem como principal mediadora do pensamento.

Vygotsky (1991) salienta que o aprendizado ocorre por meio de mediações culturais, como a linguagem, os símbolos e as ferramentas sociais. Esses elementos são fundamentais para a construção do conhecimento, pois permitem que os indivíduos internalizem conceitos e desenvolvam habilidades

cognitivas. A mediação é um instrumento que facilita a aprendizagem, com aspecto transformador e que amplia as capacidades do aprendiz.

O conceito central na teoria de Vygotsky (1991) é a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), definida como a distância entre o que o indivíduo pode realizar sozinho (o nível de desenvolvimento real) e o que pode alcançar com a ajuda de um adulto ou de um par mais experiente (o nível de desenvolvimento potencial). Na prática educacional, a ZDP destaca a importância da interação social e do papel do professor como mediador ativo, capaz de guiar o aprendiz para além de suas capacidades atuais.

Nessa perspectiva Vygotsky (1991) sugere a adoção de metodologias que valorizem a interação social, a cooperação e a resolução de problemas em grupo. Estratégias como o ensino colaborativo, projetos interativos e o uso de ferramentas culturais e tecnológicas são exemplos de aplicações pedagógicas baseadas em sua teoria. Além disso, a avaliação formativa desempenha um papel fundamental, pois permite identificar a ZDP e ajustar o ensino as necessidades individuais dos estudantes.

Para que a aprendizagem ocorra de maneira satisfatória, são necessários certos fatores como atenção, motivação, memória e estratégias de processamento de informações, além de condições ambientais favoráveis, como uma relação positiva com o professor e um ambiente de estudo estruturado. Quando algum desses fatores está comprometido, surgem as dificuldades de aprendizagem, que podem se manifestar em diferentes níveis e influenciar o progresso do estudante. Essas dificuldades podem ser definidas como barreiras temporárias ou persistentes que interferem na capacidade do indivíduo de aprender de forma eficaz, sendo geralmente mais evidentes nas habilidades básicas de leitura, escrita, matemática e organização.

As dificuldades de aprendizagem podem ter causas variadas e complexas, abrangendo aspectos neurológicos, emocionais, sociais e pedagógicos.

Condições como a dislexia, o TDAH e a discalculia, por exemplo, estão entre os fatores neurológicos mais comuns que afetam a aprendizagem. No entanto, dificuldades de aprendizagem também podem ser provocadas por métodos de ensino inadequados, falta de suporte emocional ou, ainda, por situações familiares e socioeconômicas desafiadoras que limitam as oportunidades de desenvolvimento do estudante.

Gardner (1994) destaca que cada indivíduo possui diferentes tipos de inteligência que influenciam sua maneira de aprender e processar informações. Quando o ambiente educacional não valoriza essas múltiplas formas de inteligência ou utiliza métodos de ensino padronizados, pode haver dificuldades que refletem uma inadequação entre o estilo de ensino e o estilo de aprendizagem do estudante.

Além disso, Kirk (1993) e Gallagher (1998), importantes estudiosos das dificuldades de aprendizagem, sugerem que esses desafios têm causas multifatoriais, incluindo aspectos neurológicos, pedagógicos e sociais. Eles enfatizam que, embora condições como dislexia, TDAH e discalculia tenham origens neurológicas, fatores externos, como práticas pedagógicas inadequadas, ambientes familiares desestruturados e barreiras socioeconômicas, contribuem significativamente para o surgimento ou agravamento das dificuldades de aprendizagem.

No contexto escolar, as dificuldades de aprendizagem aparecem de formas distintas, dependendo da condição específica e das características do estudante. Elas podem incluir problemas na interpretação e memorização de conteúdos, dificuldades em organizar e planejar tarefas, e até bloqueios emocionais que limitam o engajamento do estudante. Essas barreiras muitas vezes geram sentimento de frustração e baixa autoestima, tornando o processo de aprendizagem mais desafiador. É fundamental que a escola identifique essas dificuldades com sensibilidade e ofereça estratégias pedagógicas e intervenções adequadas, a fim de criar condições inclusivas e

acolhedoras para todos os estudantes.

Portanto, compreender a aprendizagem como um processo multifacetado e sensível às diferenças individuais são essenciais para entender como e por que as dificuldades podem surgir. A identificação precoce e o apoio adequado permitem que o estudante supere essas barreiras, facilitando o aprendizado e garantindo seu desenvolvimento integral em um ambiente de ensino que valorize suas necessidades e potencialidades.

A conceituação das dificuldades de aprendizagem envolve a compreensão de um conjunto diverso de condições que afetam o processamento cognitivo e o desempenho escolar dos estudantes. De acordo com a literatura, dificuldades de aprendizagem não são resultantes de uma única causa ou fator isolado; elas representam condições neurológicas, emocionais e ambientais que interferem na capacidade do estudante de assimilar, processar, armazenar e aplicar informações. Em geral, esses problemas não têm relação com a inteligência, a motivação ou o esforço do estudante, mas derivam de fatores complexos que podem ser inatos, como predisposições genéticas, ou desenvolvidos, por exemplo, como resposta a ambientes pouco estimulantes ou métodos de ensino inadequados.

Entre as causas das dificuldades de aprendizagem, destacam-se as neurológicas, que incluem variações anatômicas e funcionais no cérebro que impactam diretamente o processamento de informações, como ocorre em casos de dislexia e TDAH. Fatores emocionais podem atuar como causadores ou intensificadores das dificuldades de aprendizagem, especialmente quando o estudante vive em ambientes de alto estresse, ansiedade ou pressão. Condições socioeconômicas desfavoráveis, acesso limitado a recursos pedagógicos e experiências escolares desmotivadoras favorecem o desenvolvimento ou intensificação dessas dificuldades.

As bases neurológicas das dificuldades de aprendizagem são amplamente estudadas por especialistas como Lyan, Shaywitz e Shaywitz (2003), que

destaca condições como a dislexia, o TDAH e a discalculia. Essas condições resultam de diferenças na estrutura e funcionamento do cérebro, afetando habilidades específicas como leitura, escrita, cálculo e atenção. Esses fatores podem limitar o desempenho acadêmico, mesmo quando os estudantes apresentam inteligência dentro da média ou acima dela.

As dificuldades emocionais e sociais também desempenham um papel significativo. De acordo com Wallon (1975), o desenvolvimento emocional está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento cognitivo. Questões como ansiedade, baixa autoestima, depressão e falta de apoio social podem comprometer o aprendizado. Além disso, situações familiares desafiadoras, como conflitos domésticos, negligência ou condições socioeconômicas adversas, podem criar um ambiente desfavorável para o aprendizado, prejudicando o engajamento escolar e a motivação do estudante.

No âmbito pedagógico, métodos de ensino inadequados ou inflexíveis podem ser uma causa relevante. Piaget (1976) destaca que o aprendizado deve respeitar o estágio de desenvolvimento cognitivo do estudante, enquanto Vygotsky (1991) enfatiza a necessidade de interações sociais significativas e o uso da ZDP para promover a aprendizagem. Quando essas abordagens não são consideradas, é comum que estudantes enfrentem dificuldades. Por exemplo, a falta de diferenciação pedagógica e estratégias de ensino que desconsideram os diferentes estilos de aprendizagem podem intensificar os desafios.

Como apontado por Tardif (2002), é importante reconhecer que as causas das dificuldades de aprendizagem frequentemente interagem entre si. Um problema neurológico, por exemplo, pode ser agravado por questões emocionais ou pela ausência de suporte pedagógico adequado. Nesse sentido, é essencial que os educadores adotem uma visão holística, identificando e respondendo a esses múltiplos fatores de maneira integrada.

Dentre os tipos de dificuldades de aprendizagem

comuns entre estudantes do ensino médio, destacam-se:

1. **Dislexia:** A dislexia é um transtorno específico de leitura, caracterizado por dificuldades na decodificação de palavras, reconhecimento das mesmas e problemas de fluência e precisão na leitura. Estudantes com dislexia tendem a ter dificuldade em distinguir sons das palavras e compreender o que leem, o que pode afetar diretamente seu desempenho em disciplinas que exigem leitura intensiva e interpretação de texto.

2. **TDAH:** Esse transtorno é marcado por sintomas de desatenção, impulsividade e, em alguns casos, hiperatividade. Estudantes com TDAH costumam apresentar dificuldades em manter a atenção em tarefas escolares, o que afeta a capacidade de concentração, planejamento e execução de atividades complexas. Esses sintomas podem impactar significativamente o rendimento acadêmico, especialmente em tarefas que demandam organização e persistência.

3. **Discalculia:** A discalculia é uma dificuldade específica relacionada a matemática e ao processamento de informações numéricas. Estudantes com discalculia encontram dificuldades em entender conceitos matemáticos, realizar cálculos e compreender sequências numéricas. Esse transtorno pode afetar o desempenho em disciplinas exatas e tornar a matemática um desafio significativo para o estudante.

4. **Disgrafia:** A disgrafia está relacionada a dificuldades na escrita, afetando desde a organização espacial das letras e palavras até a fluidez e clareza da produção textual. Estudantes com disgrafia podem ter letras ilegíveis, problemas com a coordenação motora fina e dificuldades em expressar pensamentos por escrito de forma clara, o que pode prejudicar seu desempenho em atividades que envolvem redação e provas discursivas.

Esses transtornos apresentam diferentes níveis de impacto na vida escolar, dependendo das características individuais de cada estudante, do suporte oferecido pela escola e do reconhecimento adequado dessas dificuldades. Para lidar com esses desafios, é essencial que o ambiente escolar adote práticas inclusivas

e estratégias pedagógicas específicas que permitam a esses estudantes desenvolverem seu potencial, a despeito de suas limitações. Assim, a identificação e o suporte adequado contribuem para o desempenho acadêmico, emocional e social dos estudantes.

Na disciplina de Educação Física, em particular, essas dificuldades assumem características específicas. Diferentemente de áreas que priorizam habilidades cognitivas, a Educação Física exige competências motoras, consciência corporal e coordenação, além de um bom desenvolvimento social e emocional para a interação em atividades coletivas. Nesse contexto, estudantes com dificuldades de aprendizagem podem apresentar desafios particulares, como problemas de coordenação motora, baixa autoconfiança em relação ao desempenho físico e dificuldades em compreender instruções espaciais e temporais. Isso pode acarretar uma experiência negativa na disciplina, afastando o estudante das práticas corporais e impactando seu desenvolvimento integral.

Portanto, compreender a natureza das dificuldades de aprendizagem na Educação Física envolve identificar como elas se manifestam no contexto específico das práticas corporais e motoras e como afetam a participação do estudante. Intervenções pedagógicas adequadas, que respeitem as limitações e potencialidades de cada estudante, são fundamentais para garantir que todos possam vivenciar experiências enriquecedoras na disciplina e, assim, superar ou minimizar suas dificuldades. Na próxima subseção, destacaremos a Educação Física e a articulação com o desenvolvimento integral do estudante, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018).

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

A Educação Física, enquanto componente curricular, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento global dos estudantes, abrangendo as

dimensões motora, cognitiva, social e emocional. Suas práticas e atividades vão além da promoção da saúde física, envolvendo o desenvolvimento integral do indivíduo e auxiliando na formação de competências essenciais para o contexto escolar e social.

Em 2018, foi promulgada a BNCC (Brasil, 2018), um marco normativo fundamental para a Educação Básica no Brasil, abrangendo as três etapas de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Este documento visa orientar a construção e a implementação dos currículos escolares em todo o país, buscando garantir uma formação integral e equitativa para os estudantes, independentemente da região onde residem. A BNCC (Brasil, 2018) estabelece habilidades e competências essenciais, estruturadas em torno de princípios como a promoção dos direitos de aprendizagem, o desenvolvimento pleno do estudante e a preparação para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho.

No Ensino Médio, em particular, a BNCC (Brasil, 2018) é parte integrante da reforma educacional iniciada com a Lei nº 13.415, promulgada em 16 de fevereiro de 2017, que introduziu mudanças significativas nessa etapa de ensino, incluindo a organização por áreas do conhecimento e a implementação dos itinerários formativos. Esses itinerários possibilitam aprofundamento em áreas específicas, alinhados aos interesses e projetos de vida dos estudantes.

No que concerne ao componente curricular de Educação Física, este integra o eixo de Linguagens e suas Tecnologias, juntamente com Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Artes. A Educação Física assume um papel central na formação integral dos estudantes, promovendo o desenvolvimento de competências relacionadas à compreensão e prática de atividades corporais, esportivas, culturais e de lazer. Este componente destaca-se por contribuir para a promoção da saúde, da convivência social e do respeito às diversidades culturais e corporais.

Além disso, a Educação Física, de acordo com a

BNCC (Brasil, 2018) enfatiza o papel crítico dos estudantes na análise de práticas corporais, reconhecendo suas dimensões históricas, sociais e culturais. São abordados conteúdos como jogos, danças, esportes, ginásticas e práticas corporais de aventura, tratados sob a perspectiva do protagonismo juvenil e da interação colaborativa. A proposta busca transcender o ensino tradicional voltado exclusivamente ao desempenho técnico, incorporando uma abordagem crítica e reflexiva que valorize as diferentes expressões corporais enquanto manifestações culturais e identitárias.

Assim, a Educação Física, ao compor o eixo de Linguagens, alinha-se ao objetivo mais amplo da BNCC (Brasil, 2018), isto é, o de promover o desenvolvimento de competências gerais, como o autoconhecimento, a empatia, a colaboração e a capacidade de se expressar de forma ética e criativa. Essa perspectiva reflete a centralidade da Educação Física como um meio de aprendizado significativo e interdisciplinar, alinhado aos desafios do século XXI.

Nesse contexto, as competências para o século XXI, como apontadas por Perrenoud (2000), incluem a capacidade de aprender a aprender, trabalhar de forma colaborativa, resolver problemas complexos e adaptar-se a contextos diversos. Tal pressuposto dialoga diretamente com os objetivos da Educação Física no Ensino Médio, uma vez que este componente curricular oferece oportunidades para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à cooperação, tomada de decisão, resiliência e criatividade em ambientes dinâmicos e diversificados.

Por meio de práticas pedagógicas que integram o movimento, o conhecimento corporal e a reflexão crítica, a Educação Física promove o bem-estar físico e emocional, e prepara os estudantes para os desafios contemporâneos, fortalecendo sua atuação como sujeitos ativos e conscientes no mundo. Essa abordagem reforça o papel da Educação Física como uma área estratégica na formação integral, conectando os princípios da BNCC (Brasil, 2018) as demandas sociais,

culturais e econômicas da sociedade atual.

A seguir, destacamos os aspectos do desenvolvimento relacionando com a ambiência que envolve o ser humano e a Educação Física, enquanto componente curricular da Educação Básica:

Desenvolvimento Motor: A Educação Física contribui de forma direta para o desenvolvimento motor dos estudantes ao proporcionar práticas que exploram habilidades corporais, como coordenação, equilíbrio, força, agilidade e controle corporal. Através de atividades físicas variadas, os estudantes aprimoram sua percepção espacial e temporal, bem como sua consciência corporal, o que é essencial para o desenvolvimento físico e funcional. Em longo prazo, essas práticas favorecem uma melhor aptidão física, tornando os estudantes mais conscientes e capazes de realizar movimentos precisos e coordenados, habilidades que são fundamentais para o bem-estar e para a prevenção de problemas físicos na vida adulta. Segundo Gallahue e Ozmun (2005), o desenvolvimento motor eficiente está relacionado à formação de esquemas motores que facilitam a prática esportiva, a confiança e a motivação para explorar novas aprendizagens físicas e cognitivas.

Desenvolvimento Cognitivo: Além das habilidades motoras, a Educação Física contribui para o desenvolvimento cognitivo dos alunos ao estimular processos de atenção, memória, raciocínio e tomada de decisão. Nas atividades e jogos, os estudantes são frequentemente desafiados a pensar estrategicamente, solucionar problemas e adaptar-se a situações dinâmicas, promovendo a agilidade mental e a flexibilidade cognitiva. A prática regular de atividades físicas também está associada a benefícios na capacidade de concentração e na retenção de informações, aspectos que influenciam positivamente o desempenho acadêmico dos alunos em outras disciplinas.

A relação entre a prática de atividades físicas e a capacidade cognitiva é amplamente respaldada por estudos. A neurociência aponta que o exercício físico estimula o fluxo sanguíneo cerebral e a liberação de

neurotransmissores como dopamina e serotonina, o que pode melhorar a memória, a atenção e a capacidade de resolução de problemas (). Na Educação Física, os jogos e as atividades lúdicas estimulam o pensamento estratégico, o raciocínio lógico e a criatividade, competências que se traduzem em melhor desempenho em outras disciplinas escolares.

Desenvolvimento Social: No âmbito social, a Educação Física proporciona um ambiente propício para a interação e a cooperação entre os estudantes. Ao participar de atividades em grupo e esportes coletivos, os alunos desenvolvem habilidades sociais importantes, como a comunicação, o respeito às regras, o trabalho em equipe e a resolução de conflitos. Essas experiências colaborativas favorecem a construção de relações interpessoais saudáveis e a aprendizagem de valores éticos, como o respeito pelo outro e o espírito de solidariedade. A capacidade de atuar em grupo e lidar com diferenças, adquirida durante as práticas de Educação Física, contribui diretamente para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos.

A interação social mediada pela Educação Física é uma oportunidade para os estudantes aprenderem a trabalhar em equipe, respeitar regras e desenvolver habilidades de liderança. De acordo com Vygotsky (1991), o aprendizado é um processo mediado socialmente, e as práticas coletivas no ambiente esportivo são cenários ideais para a internalização de valores como cooperação, respeito e empatia. Tais valores são fundamentais para a formação de um ambiente escolar harmônico e colaborativo.

Desenvolvimento Emocional: A Educação Física também exerce influência significativa sobre o desenvolvimento emocional dos estudantes, ajudando-os a lidar com sentimentos e emoções de maneira saudável. A prática de atividades físicas proporciona um canal para o alívio de tensões e para a expressão emocional, permitindo que os alunos construam uma relação positiva com seu corpo e desenvolvam autoconfiança. Ao enfrentar desafios físicos, os estudantes têm a

oportunidade de superar limitações pessoais, o que fortalece a autoestima e a resiliência. Além disso, a experiência de sucessos e fracassos em um ambiente seguro e controlado contribui para o desenvolvimento de uma inteligência emocional que favorece a gestão de frustrações e a aceitação dos próprios limites.

O conceito de desenvolvimento integral pressupõe a integração dos domínios motor, cognitivo, social e emocional na formação do indivíduo. A educação física, ao articular essas dimensões, desempenha um papel estratégico na promoção de uma formação completa, considerando o sujeito em todas as suas dimensões. Para isso, é necessário que as práticas pedagógicas sejam planejadas de forma a contemplar atividades diversificadas, que estimulem o movimento, o pensamento crítico, a interação social e a regulação emocional.

Em resumo, as contribuições da Educação Física vão muito além do aspecto físico, englobando dimensões essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes. Ao favorecer o crescimento motor, cognitivo, social e emocional dos estudantes, a Educação Física se afirma como um componente curricular indispensável para a formação de indivíduos saudáveis, críticos e socialmente integrados. Com isso, destaca-se a importância de práticas pedagógicas diversificadas e inclusivas, que promovam a participação e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes, respeitando suas particularidades e necessidades individuais. Na próxima subseção, destacaremos os aspectos determinantes do desempenho escolar, especificamente, na Educação Física.

ASPECTOS DETERMINANTES DO DESEMPENHO ESCOLAR NO COMPONENTE CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O ambiente educacional é uma espaço formado por vários elementos e aspectos, que interagem para moldar o processo de ensino e aprendizagem. Além do

âmbito físico, ele contempla os aspectos pedagógicos, sociais, emocionais e culturais que influenciam o desenvolvimento dos estudantes e a prática docente. Segundo Tardif (2002), o contexto educacional é composto por saberes e práticas que se articulam de forma dinâmica, considerando a diversidade e a singularidade das experiências de cada indivíduo. Desse modo, compreender os elementos que constituem o ambiente educacional é essencial para promover uma educação significativa e inclusiva.

Dentre os pontos mencionados, o planejamento desempenha um papel central no engajamento e na aprendizagem dos estudantes, contemplando os aspectos supracitados que configuram a educação escolar. Segundo Libâneo (2008, p. 221)

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação (Libâneo, 2008, p. 221).

Nesse sentido, o planejamento escolar é uma atividade essencial para a organização do trabalho pedagógico, pois direciona as ações dos professores e da equipe gestora, garantindo intencionalidade e eficácia nos processos educativos. Libâneo (2008) enfatiza que o planejamento não deve ser um ato burocrático, mas sim uma prática reflexiva, colaborativa e dinâmica, que considera os contextos sociais, culturais e institucionais, nos quais a escola está inserida. O autor aponta diferentes tipos de planejamento escolar, cada um com características e funções específicas, entretanto são interligados em um processo contínuo, a saber: Planejamento de Sistema de Ensino; Planejamento Escolar ou Institucional; Planejamento Curricular; Planejamento de Ensino; e o Planejamento de Aula.

O **Planejamento de Sistema de Ensino** abrange

políticas educacionais mais amplas, realizadas pelas Secretarias de Educação ou órgãos governamentais. Ele define diretrizes, metas e recursos necessários para a educação em determinado território. Neste nível, são tomadas decisões sobre o currículo básico, formação de professores, financiamento da educação, entre outros.

O **Planejamento Escolar ou Institucional** ocorre no âmbito da escola como um todo. Ele organiza as ações pedagógicas, administrativas e comunitárias, incluindo a gestão de recursos, a articulação com a comunidade e o desenvolvimento de projetos coletivos. Nesse nível, a escola define seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), documento que orienta suas práticas e expressa a identidade da instituição.

O **Planejamento Curricular**, refere-se à organização e seleção dos conteúdos e experiências de aprendizagem que serão trabalhados em cada componente curricular. Este planejamento deve considerar a BNCC (Brasil, 2018) e outras diretrizes educacionais, adaptando-se as especificidades da escola e de seus estudantes.

O **Planejamento de Ensino** é realizado pelo professor para a organização de suas aulas. Ele envolve a definição de objetivos de aprendizagem, seleção de conteúdos, estratégias metodológicas, recursos didáticos e formas de avaliação. Libâneo (2008) defende que o planejamento de ensino deve ser flexível e ajustado conforme as necessidades e avanços dos alunos.

O **Planejamento de Aula** é a etapa mais detalhada e concreta do planejamento, em que o professor define o que será realizado em cada aula específica. Inclui a escolha de atividades, tempo de execução, organização do espaço e materiais necessários para facilitar a aprendizagem.

Libâneo (2008) ao considerar os tipos e características do planejamento, salienta que esse deve ser: democrático e participativo, envolvendo todos os agentes da comunidade escolar; contextualizado, considerando a realidade social e cultural dos estudantes; flexível, para permitir ajustes conforme o

desenvolvimento do trabalho pedagógico; articulado, garantindo a integração entre os diferentes níveis de planejamento.

No entanto, planejamentos inadequados podem gerar impactos negativos nesses processos. A falta de organização e objetividade que considere as necessidades específicas dos estudantes compromete tanto a motivação quanto o alcance dos objetivos educacionais, prejudicando a conexão entre professores e estudantes.

Além disso, esse cenário pode contribuir para o aumento da evasão escolar, a redução do desempenho acadêmico e o desinteresse generalizado pelas atividades escolares. Entre esses desafios enfrentados, destaca-se a ausência de recursos materiais e metodológicos adequados. Muitos educadores, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, deparam-se com a escassez de ferramentas essenciais para o desenvolvimento de uma prática pedagógica efetiva. Sem materiais didáticos suficientes, acesso à tecnologia ou a formação contínua, as estratégias de ensino tornam-se limitadas, o que restringe as possibilidades de inovação e interação. Essa carência limita o aprendizado e agrava as desigualdades educacionais, uma vez que os estudantes de comunidades carentes são os mais afetados.

Diante dessas barreiras, emerge a necessidade de implementar estratégias inclusivas que contemplem a diversidade de necessidades presentes no ambiente escolar. A educação inclusiva pressupõe a valorização das diferenças individuais, seja em relação a habilidades, interesses, contextos culturais ou dificuldades de aprendizagem. Planejamentos que integram metodologias ativas, recursos acessíveis e práticas pedagógicas diferenciadas são capazes de promover um ambiente mais equitativo e acolhedor. Por exemplo, o uso de tecnologia assistiva e atividades colaborativas pode ampliar as oportunidades de participação de estudantes com deficiências ou dificuldades específicas.

Freire (2019) salienta que a educação deve ser um ato de inclusão, respeitando as diferenças culturais, sociais e cognitivas. O autor argumenta que a prática

pedagógica precisa estar alicerçada no diálogo e no reconhecimento do potencial de cada indivíduo como protagonista de sua aprendizagem. Esse princípio é essencial para planejar práticas inclusivas, pois reconhece a importância de um ambiente educativo que valorize as singularidades de seus estudantes, promovendo autonomia e dignidade.

Corroborando com a discussão, Vygotsky (2007) reforça que o aprendizado ocorre por meio da interação social, sendo a mediação do professor e a utilização de ferramentas apropriadas fundamentais para atender as diferentes necessidades dos estudantes. Cada indivíduo traz consigo uma bagagem cultural, cognitiva e emocional única, e a mediação permite que essas particularidades sejam valorizadas e direcionadas para experiências significativas. Essa mediação pode ocorrer de várias formas: desde o uso de materiais pedagógicos acessíveis até a aplicação de estratégias de ensino diferenciadas que respeitem o ritmo e as habilidades de cada estudante.

Entretanto, a interação social não se limita ao professor e ao estudante, mas se estende entre os pares. A aprendizagem colaborativa, mediada por atividades em grupo ou debates, é outro aspecto que reforça o papel da interação na construção do conhecimento. Nessas interações, os estudantes podem assumir papéis de mediadores uns para os outros, promovendo a troca de ideias e a resolução conjunta de problemas, fortalecendo competências sociais e emocionais.

Ademais, a formação docente contínua é indispensável para equipar os educadores com habilidades e conhecimentos que favoreçam práticas inclusivas. Quando os professores são capacitados a refletir sobre suas práticas e a explorar abordagens pedagógicas diversificadas, a probabilidade de atender às múltiplas demandas da sala de aula aumenta consideravelmente.

Portanto, o impacto de planejamentos pedagógicos inadequados e a limitação de recursos são questões intrinsecamente interligadas que comprometem o processo educacional como um todo.

Para mitigar esses desafios, é imperativo que políticas públicas e iniciativas institucionais priorizem tanto o fornecimento de recursos materiais quanto a formação docente voltada para práticas inclusivas. Dessa forma, a educação poderá cumprir seu papel transformador, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa.

O desempenho escolar no componente curricular de Educação Física é influenciado por uma série de fatores interligados que vão além das habilidades motoras e do interesse dos estudantes pela prática de atividades físicas. Fatores sociais e emocionais desempenham papéis determinantes, moldando a forma como os estudantes se envolvem e participam nas dinâmicas propostas nesse campo do conhecimento. Compreender essas variáveis é essencial para o desenvolvimento de estratégias que promovam uma experiência significativa e inclusiva, alinhada ao papel formativo da Educação Física.

Os fatores sociais exercem uma influência direta sobre a motivação e o desempenho dos estudantes nas aulas de Educação Física. O contexto familiar, por exemplo, é um aspecto central que pode impulsionar ou limitar o envolvimento dos alunos. Famílias que valorizam práticas de atividades físicas e esportes tendem a transmitir aos estudantes uma visão positiva sobre essas atividades, favorecendo a motivação intrínseca. Por outro lado, contextos familiares marcados pela falta de incentivo ou pela negligência em relação às práticas corporais podem gerar desinteresse ou baixa autoconfiança dos alunos em sua capacidade física.

A interação com os colegas também desempenha um papel fundamental no engajamento dos estudantes. A Educação Física, ao exigir trabalho em equipe, cooperação e competitividade saudável, proporciona um ambiente rico para o desenvolvimento de habilidades sociais. No entanto, relações interpessoais conflituosas, como exclusão social ou bullying, podem desestimular a participação e prejudicar o desempenho escolar. Em contrapartida, ambientes onde a inclusão e o respeito mútuo são valorizados incentivam maior

envolvimento e fortalecimento de vínculos sociais.

O ambiente escolar, por sua vez, é um componente crítico na criação de um espaço acolhedor e estimulante para o aprendizado em Educação Física. Estruturas adequadas, como quadras, equipamentos e espaços seguros, associadas à atuação de educadores capacitados, contribuem para a formação de uma experiência enriquecedora. Além disso, políticas institucionais que promovem a igualdade e a inclusão são essenciais para assegurar que todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas ou sociais, possam participar plenamente das atividades.

Antunes (1999), salienta que o ambiente escolar deve ser planejado e organizado de forma a possibilitar o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo habilidades motoras, competências sociais e emocionais. Essa perspectiva reforça que um espaço educativo bem estruturado e inclusivo, torna-se relevante para a construção de uma prática pedagógica significativa, em que todos os estudantes se sintam valorizados e engajados no processo de aprendizagem.

Os aspectos emocionais estão profundamente conectados ao desempenho na Educação Física. O desenvolvimento da autoconfiança, por exemplo, é um elemento crucial. Estudantes que se sentem capazes de executar movimentos ou participar de atividades sem medo de julgamento tendem a envolver-se mais nas propostas do professor. Por outro lado, sentimentos de inadequação, vergonha ou ansiedade podem inibir a participação e gerar aversão às práticas físicas.

A relação entre o professor e os estudantes também é um fator emocional relevante. Um educador que adota uma abordagem empática e motivacional, incentivando o progresso individual e o esforço, pode contribuir para uma experiência positiva e significativa. O contrário também é verdadeiro: práticas pedagógicas autoritárias ou avaliações excessivamente críticas podem gerar bloqueios emocionais que comprometem o desempenho e o interesse dos estudantes.

Como enfatiza Freire (2015, p. 43) “às vezes, mal

se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à assunção do educando por si mesmo”. Sendo assim, um professor que adota uma abordagem empática e motivacional, reconhece o estudante como sujeito ativo do processo de aprendizagem. Ele compreende que sua tarefa vai além da transmissão de conteúdos, incorporando o papel de mediador e incentivador. Nesse sentido, a relação dialógica promove a confiança, estimula a curiosidade e valoriza o progresso individual, aspectos fundamentais para a autonomia do estudante.

Além disso, a Educação Física, enquanto espaço de interação social e expressão corporal, pode ser um canal para a regulação emocional. Atividades que promovem o autoconhecimento, o controle do estresse e a valorização do corpo são ferramentas importantes para o bem-estar emocional dos estudantes, contribuindo não apenas para o desempenho escolar, mas também para a formação integral.

O desempenho no componente curricular de Educação Física é determinado por uma combinação de fatores sociais e emocionais que, em conjunto, moldam a experiência dos estudantes. O contexto familiar, as interações com colegas, o ambiente escolar e as emoções associadas às práticas físicas são elementos interdependentes que demandam atenção tanto por parte dos educadores quanto das instituições de ensino. Investir em estratégias que promovam um ambiente inclusivo, acolhedor e motivador é essencial para garantir que a Educação Física cumpra seu papel formativo, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes. A próxima seção, menciona o marco metodológico que delinea esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do referencial teórico adotado nesta pesquisa, fundamentado na perspectiva inclusiva da

educação e nas abordagens pedagógicas adaptativas no ensino da Educação Física, foi possível compreender que as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar transcendem o campo cognitivo, refletindo também dimensões emocionais, sociais e relacionais que influenciam diretamente no engajamento e na construção da autonomia dos estudantes.

Ao analisar os dados obtidos, emergiu a necessidade urgente de ressignificar as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física, não mais como espaços meramente técnicos ou de rendimento físico, mas como territórios férteis para o fortalecimento da autoestima, da cooperação e da vivência democrática. O marco teórico de base inclusiva sustenta que a escola deve ser capaz de acolher as singularidades e converter a diversidade em motor de transformação pedagógica.

A proposta de intervenção pautada em atividades físicas adaptadas demonstrou que, ao respeitar os ritmos e potencialidades de cada estudante, é possível construir experiências significativas que transcendem o conteúdo esportivo e dialogam com o desenvolvimento integral do sujeito. A Educação Física, assim compreendida, revela seu papel estratégico na mediação de processos de pertencimento, motivação e reconhecimento.

O percurso metodológico da pesquisa, incluindo a escuta ativa em reuniões de pré-conselho e a observação das práticas pedagógicas, evidenciou que a mudança não se faz apenas com boas intenções, mas com planejamento sensível, reflexividade crítica e compromisso ético com a inclusão. Quando o professor se reconhece como agente transformador e adota práticas alinhadas à diversidade de seus alunos, rompe com lógicas excludentes e amplia o alcance da aprendizagem.

Dessa forma, a presente pesquisa não apenas confirma a relevância das práticas pedagógicas inclusivas no campo da Educação Física, como também aponta caminhos para sua efetiva implementação, convidando educadores e gestores a repensarem os espaços escolares

como ambientes de acolhimento, diálogo e desenvolvimento humano. Espera-se, portanto, que os achados aqui apresentados sirvam de subsídio para novas práticas e futuras investigações que fortaleçam o compromisso da escola com a equidade educacional.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Elisa F. S. (org.). **Inovação e renovação acadêmica: guia prático de utilização de metodologias e técnicas ativas**. Volta Redonda, RJ: FERP, 2020.
- ALMEIDA, Roselaine Pontes de et al. Prevenção e remediação das dificuldades de aprendizagem: adaptação do modelo de resposta à intervenção em uma amostrabrasileira. *Rev. Bras. Educ.*, v. 21, nº 66, p. 611-630, 2016.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ARRIADA, E.; VALLE, H.S. Educar para transformar: a prática das oficinas. *Revista Didática Sistemática*, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012. Site: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2514>. Acesso em: 01 dez. 2024.
- BACICH, Lillian; MORAN, José Manuel (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BETTI, M. **O que a semiótica inspira ao ensino da educação física**. Discorpo, São Paulo, n.3, p. 25-45, 1994.
- BOSSA, N.A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Portal da Legislação**, Brasília, 16 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 15 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRITO, Talita Zanon. **Dificuldades de aprendizagem: influência da Educação Física sob o olhar da psicomotricidade**. 2020. 78 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, Cuiabá, 2020. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/4922>. Acesso em: 01 dez. 2024.
- CHIARELLO, Mariluce Paolazi. **Dificuldades e transtornos da aprendizagem**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. ano 04, ed. 04, v. 04, p. 102-120; Abril de 2019. ISSN: 2448-0959. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/dificuldades-e-transtornos#google_vignette. Acesso em: 06 mai. 2024.
- CORD, Denise; GESSER, Marivete; NUNES, Alana de Siqueira Branis; STORTI, Moysés Martins Tosta. As Significações de Profissionais que Atuam no Programa Saúde na Escola (PSE) Acerca das Dificuldades de Aprendizagem: Patologização e Medicalização do Fracasso Escolar. **Psicologia: ciência e profissão**, 2015, 35(1), 40-53. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/7G9nyym6rhrKYRzFt75Rg/hb/#:text=Este%20artigo%20tem%20como%20objetivo%20identificar%20as%20significa%C3%A7%C3%B5es,da%20dificuldades%20de%20aprendizagem%20geradoras%20do%20fracasso%20escolar>. Acesso em: 01 dez. 2024.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Ivanda Maria de Lucena. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. São Paulo: Cortez, 2005.
- DELL'AGLI, B. A. V. Aspectos afetivos e cognitivos da conduta em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem. Tese de Doutorado (Não publicada). Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 2008.
- DIAS, N. M.; MONTIEL, J. M.; SEABRA, A. G. Development and interactions among academic performance, word recognition, listening, and reading comprehension. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 2, p. 404-415, 2015.
- DORSA, Arlinda Cantero. O papel da revisão da literatura na escrita de artigos científicos. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 21, n. 4, out./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i4.3203>
- FARIA, Maryelly da Silva. **Dificuldade de aprendizagem em física à luz da teoria da carga cognitiva**. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI

<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.931>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GALLAGHER, J. J. The public policy legacy of Samuel A. Kirk. **Learning Disabilities Research & Practice**, 13(1), 11-14, 1998.

GALLAHUE, D. L; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GONÇALVES, Thaís dos Santos; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. **Concepções de professoras de Ensino Fundamental sobre os transtornos de Aprendizagem**. *Rev. Cefac*, v. 16, nº 3, p. 817-829, 2014.

KIRK, S. A. (1993). What is special about special education? The child who is mentally handicapped. *Exceptional Children*, 19, 138-142.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

LIMA, Francisco Renato. Entrelace entre dificuldades de aprendizagem e produção do fracasso escolar: Algumas ponderações teórico-práticas. **Psicologia. PT O Portal dos psicólogos**, 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0784.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2024.

LYAN, G. R.; SHAYWITZ, S. E.; SHAYWITZ, B. A.. Defining dyslexia, comorbidity, teachers knowledge of language and reading: A definition of dyslexia. **Annals of Dyslexia**, 53(1), 1-14, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. ed. 18, Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (2018). **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas: Papirus.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.s; KREMER, J. M. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Elizângela Cely da Silva. **O ensino diferenciado na Educação Física escolar: Seropédica**, RJ. 2015. [219 f.].

Dissertação(Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica-RJ] . Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/13208>. Acesso em: 01 dez. 2024.

OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais: reflexões para a formação docente**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

REBELO, J. **Dificuldades da Leitura e da Escrita em Alunos do Ensino Básico** [Reading and writing difficulties in basic teaching level students]. Oporto, Portugal: Edições ASA, 1993. (Coleção Horizontes da Didactica).

RUTTER, M.; YULE, W. The concept of specific reading retardation. **J Child Psychol Psychiatry**. 16:181-97, 1975.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. ed. 5. Porto Alegre: Penso, 2013.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE ALAGOAS. **Orientações Pedagógicas e de Gestão 2024**. SEDUC/AL, 2024. Disponível em: <https://escolaweb.educacao.al.gov.br/pagina/orientacoes-pedagogica-e-de-gestao-2024>. Acesso em: 01 dez. 2024.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SOARES, D. B. et al. **Influência da atividade física no desempenho motor de crianças com queixas de dificuldades de aprendizagem**. *Revista CEFAC*, scielo, v. 17, p. 1132– 1142, 08 2015. ISSN 1516-1846. Disponível em: <http://www.scielo.br/scieloOrg/php/articleXML.php?lang=en&pid=S1516-18462015000401132>. Acesso: 01 dez. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Rev. Diálogo Educ**. [online].

2017, vol. 17, n. 52, p. 455-478. ISSN 1981-416X.
<https://doi.org/10.7213/1981-416x.17.052.ds07>.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** ed. 7, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Primeira Infância.** Lisboa: Estampa, 1975.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Tradução: Daniel Bueno.